

**O** MUSEU  
NACIONAL  
**TEMPO**  
**RESGATADO**  
**DE AO**  
ARQUEOLOGIA  
**MAR**

LISBOA 2014



**PATRIMÓNIO  
CULTURAL**  
Direção-Geral do Património Cultural



**INCM**  
IMPRESA NACIONAL CASA DA MOEDA



**O MAR**, recurso sempre presente na nossa história coletiva, foi novamente escolhido neste início de século para desígnio nacional, determinação acompanhada de um amplo debate público sobre a necessidade de criar uma estratégia nacional que se consubstancia, por exemplo, no propósito do reconhecimento internacional da extensão da plataforma continental portuguesa.

Neste contexto, a opção por uma exposição cuja maior parte do espólio é proveniente do fundo do mar – um ambiente misterioso e inacessível para a grande maioria de nós, mas onde existem abundantes vestígios de histórias de outros tempos e de muitas gentes quase sempre associados a uma dimensão trágico-marítima –, é certamente um bom contributo da arqueologia para aquele mesmo debate e, simultaneamente, uma forma de sensibilizar a sociedade para uma parte importante do seu património, que merece ser conhecido e salvaguardado.

Na exposição *O tempo resgatado ao mar* damos a conhecer os principais resultados da atividade arqueológica náutica e subaquática realizada em Portugal nos últimos cerca de trinta anos.

No início dos anos 80, do século passado, os caminhos dessa ciência e o Museu Nacional de Arqueologia cruzaram-se, com a criação de uma linha de investigação que contribuiu para a posterior estruturação orgânica e legal da atividade, que se passou a basear em métodos e técnicas próprios da Arqueologia. Neste impulso importa destacar, naturalmente, o relevante contributo de Francisco J. S. Alves, responsável pelo desenvolvimento de projetos pioneiros de investigação no setor e, simultaneamente, diretor do Museu Nacional de Arqueologia entre 1980 e 1996.

Na exposição é apresentada uma seleção de peças oriundas de ambientes marítimos, fluviais ou húmidos de todo o território nacional

que cobrem simultaneamente um espectro cronológico, desde a época pré-romana ao século xx, mas com maior incidência na época moderna, resultado dos numerosos naufrágios referenciados e da investigação ter sido orientada para alguns deles. O objetivo principal do comissariado científico foi a apresentação de contextos arqueológicos ou a caracterização de locais na costa marítima portuguesa onde se registam repetidas e significativas recolhas de vestígios que indiciam a possível existência de contextos preservados ou demonstram a sua importância nas rotas da navegação. Os achados isolados, quando relevantes, foram também considerados.

Naturalmente que uma exposição desta dimensão só foi possível ser realizada com diversas e empenhadas colaborações internas e externas, que harmoniosamente se conjugaram no desenrolar deste processo.

Dessa colaboração próxima de muitas instituições, destaca-se o Museu Nacional de Arqueologia Subaquática (ARQUA), em Cartagena. Um agradecimento especial é devido a D. Xavier Nieto Prieto, antigo diretor do ARQUA que, com generosa disponibilidade e celeridade acolheu, e com a equipa de conservadores do Laboratório (ARQUATEC) tratou, um conjunto de impressionante espólio português que se apresenta na exposição, e não só, e do qual se destaca, naturalmente, a denominada piroga monóxila n.º 2 do rio Lima.

Internamente, no seio da tutela do património cultural, a área de Arqueologia Náutica e Subaquática está atualmente integrada no Departamento de Bens Culturais. Com competência na gestão da maioria dos acervos de significativo valor e interesse, agora em exibição – que conta com algumas peças nunca antes mostradas ao público –, foi a unidade técnica que assumiu a responsabilidade pelo fundamental, delicado e permanente trabalho de conservação

e restauro de todo o conjunto selecionado. A preparação desta exposição constituiu assim, também, uma nova oportunidade para se inserir no Matriz a informação sobre o espólio à guarda da Direção-Geral do Património Cultural, assumindo-se o compromisso de doravante disponibilizar a todos os interessados, neste sistema de inventário, gestão e divulgação on-line do Património Cultural e Natural, este acervo náutico e subaquático.

O Laboratório José de Figueiredo foi essencial para a realização de radiografias a duas das principais peças apresentadas na exposição e, também, o vizinho Museu de Marinha de cujas oficinas saiu, a partir do registo gráfico efetuado no campo e propositadamente para a exposição, a réplica do couce de popa do navio do Corpo Santo, realizada por verdadeiros mestres.

Regista-se ainda a colaboração, através da cedência de acervo, de alguns museus municipais, conjuntamente membros da Rede Portuguesa de Museus.

A circulação de acervos entre todas as instituições teve na Lusitania Seguros o habitual e generoso mecenas institucional do património cultural nacional.

Durante o período de preparação desta exposição foram realizadas importantes descobertas arqueológicas, incidindo principalmente em áreas ribeirinhas da cidade de Lisboa. Não tendo sido possível, por atendíveis razões temporais e técnicas, incluir exemplos do respetivo acervo na presente exposição, a temática está, não obstante e sempre que possível, representada no corpo do presente catálogo nos artigos que lhe são dedicados, permitindo aceder ao estado da arte de um tema que, compreensivelmente, suscita ampla curiosidade e interesse. Um catálogo que, de resto, ultrapassa a habitual dimensão do

registo expositivo para dar lugar a um verdadeiro repositório de textos enquadradores a cargo de alguns dos principais especialistas na área, que procuraram sistematizar o essencial da muita informação existente sobre o tema. Neste ponto, não podemos deixar de destacar a parceria estabelecida com a Imprensa Nacional-Casa da Moeda que, mais uma vez, se associou a um projeto do Museu Nacional de Arqueologia, e agradecer a confiança depositada, pois além do catálogo foram preparados outros projetos editoriais, concretamente uma brochura (bilingue) e um livro de atividades educativas.

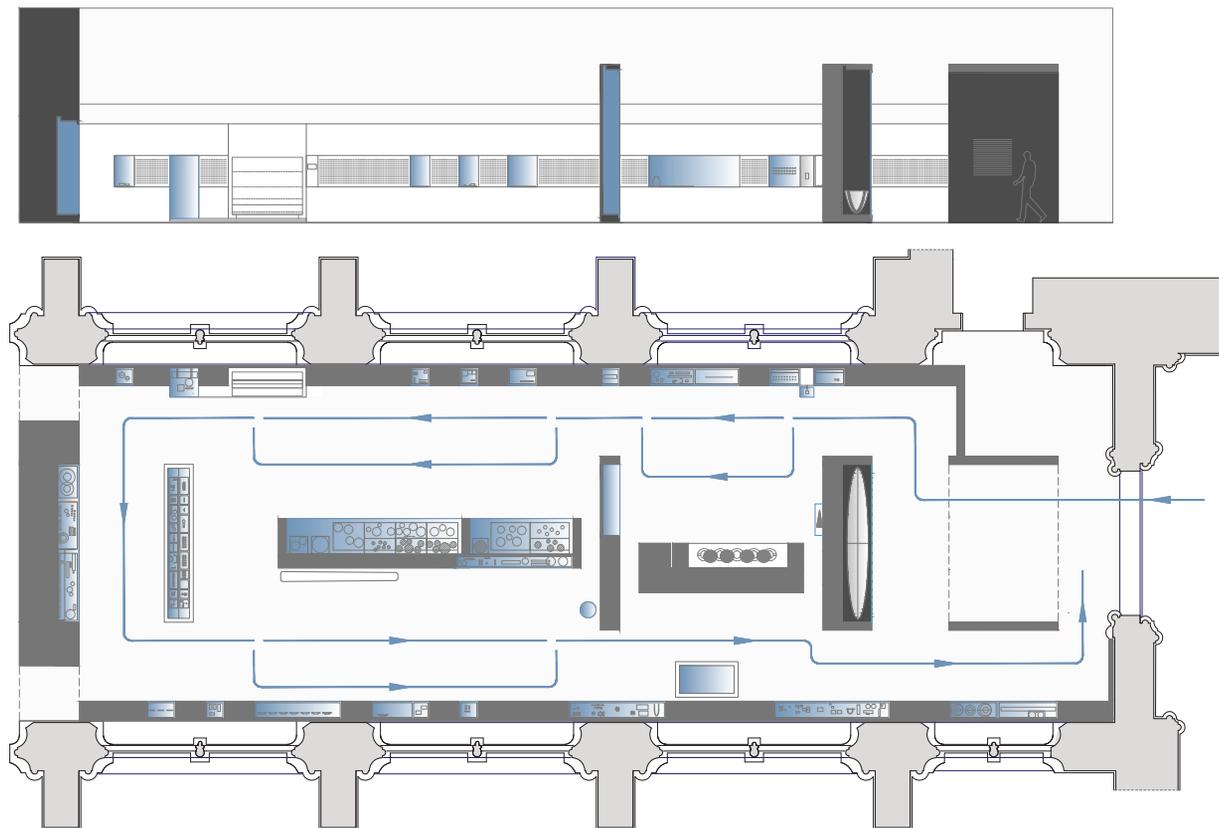
O programa da exposição é da responsabilidade de Adolfo Silveira Martins, que assumiu as funções de comissário científico, e o cenográfico projeto de museografia que daí resultou, com assinalável impacto sensorial, mas que sublinha a monumentalidade do lugar, foi desenvolvido por Maria Manuela Fernandes e materializado graficamente pela capacidade criativa do atelier FBA, pela arte de Ana Sabino. O seu intenso diálogo foi sempre acompanhado por Maria Amélia Fernandes, que compartilhou responsabilidades também na área da coordenação.

Esta exposição fica assim também a dever-se, em particular, à pequena e coesa equipa que entre o Museu Nacional de Arqueologia, o setor de arqueologia náutica e subaquática e outros serviços da Direção-Geral do Património Cultural se constituiu, suprimindo com competência técnica e humana as múltiplas vertentes de trabalho contempladas neste projeto.

Reservo por fim devido agradecimento a Isabel Cordeiro, então Diretora-Geral do Património Cultural, reconhecendo o privilégio que foi termos podido partilhar o caminho que conduziu à concretização de *O tempo resgatado ao mar*.

*Lisboa, 10 de fevereiro de 2014*

ANTÓNIO CARVALHO  
Diretor do Museu Nacional de Arqueologia



### PROJETO MUSEOGRÁFICO

O espaço que acolhe a exposição é a galeria poente, habitualmente destinada a exposições temporárias do Museu Nacional de Arqueologia, marcada pelo ritmo de janelas e abóbadas neo-manuelinas também características do Mosteiro dos Jerónimos.

Atendendo à relevância decorativa e patrimonial optou-se por organizar as estruturas expositivas demarcando-as do «invólucro», respeitando, assim, a natureza de cada conjunto, quer dos que integram o edifício, quer daqueles, efémeros, que agora tomam conta e transfiguram o espaço, no âmbito do projeto museográfico.

À entrada o espaço é intimista, mediado por imagens e sons evocativos do mar, pontuado pela apresentação do objeto ícone da exposição – a piroga –, testemunho da relação intemporal entre o homem e o mar. Desta forma é introduzido o tema, sem, contudo, ser desvendado o conteúdo programático da exposição.

Destacados no azul profundo dos nichos expositivos e vitrinas, ao longo da exposição, são apresentados artefactos «resgatados ao mar» nos últimos 30 anos, divididos em núcleos temáticos que se cruzam e se complementam, ora seguindo uma narrativa cronológica, ora atendendo à localização geográfica do achado arqueológico.

MARIA MANUELA FERNANDES  
Arquiteta

## FICHA TÉCNICA

### EXPOSIÇÃO

#### COORDENAÇÃO GERAL

António Carvalho e Maria Amélia Fernandes

#### COMISSÁRIO CIENTÍFICO

Adolfo Silveira Martins

#### PROJETO MUSEOGRÁFICO

Maria Manuela Fernandes

#### FILME

*Azul Profundo*

Realização de Nilton Pellenz (Cine Água Filmes)

#### INSTALAÇÃO DO FILME

Balaclava Noir

#### INVENTÁRIO E MONTAGEM

Alexandre Moura da Silva, Luís Antunes, Luísa Guerreiro, Paulo Alves e Salvador Baptista (MNA)

Adolfo Miguel Martins, Barros António, Natalina Guerreiro e Pedro Barros (DGPC/DBC/DSPAA)

#### SERVIÇO EDUCATIVO

Maria José Albuquerque (MNA)

#### SECRETARIADO E GESTÃO FINANCEIRA

Adília Antunes e Maria do Céu Araújo (MNA)

Dália Bernardino, Fernanda Garção e Marta Pereira (DGPC/DBC/DPGC)

#### CONSERVAÇÃO E RESTAURO

João Coelho, Natalina Guerreiro e Pedro Gonçalves (DGPC/DBC/DSPAA)

Carlos Gómez-Gil e Juan Luís Sierra Méndez (AR-QUA)

Margarida Santos e Rita Matos (MNA)

#### RÉPLICA

Alexandre Cabrita (MM)

#### RADIOGRAFIA

Luis Piorro (DGPC/DLJF e UE/LH)

#### FOTOGRAFIA

José Paulo Ruas e Luísa Oliveira (DGPC/DDCI)

Matthias Tissot (Archeofactu)

#### VÍDEO (CONCEÇÃO E MONTAGEM)

Adolfo Miguel Martins (DGPC/DBC/DSPAA)

Escola Técnica de imagem e Comunicação (ETIC)

Gustavo Carvalho, Produções

Paulo Alves (MNA)

#### REVISÃO DE TEXTOS

Carla Negreiros Pato

Maria Amélia Fernandes (MNA)

### TRADUÇÃO

Carla Ventura, Maria Empis e Maria João Nunes

Cíntia Pereira de Sousa (DGPC/DBC)

### PROJETO DE COMUNICAÇÃO E DESIGN GRÁFICO

FBA. / Ana Sabino

### PRODUÇÃO GRÁFICA

BRACRIL, Lda

### EXECUÇÃO DA OBRA

J. C. Sampaio, Lda.

### SEGURADORA

Lusitania, Companhia de Seguros, S. A. (seguradora oficial da Direção-Geral do Património Cultural)

### CATÁLOGO

#### AUTORES

Adolfo Miguel Martins [AMM]

Adolfo Silveira Martins [ASM]

Alexandra Figueiredo [AF]

Alexandre Sarrazola [ASz]

Ana Margarida Arruda [AMA]

André Teixeira [AT]

António Carvalho [AC]

António Costa Canas [ACC]

António Fialho [AF]

Augusto Salgado [AS]

Carlos Fabião [CF]

Fátima Claudino [FC]

Inês Pinto Coelho [IPC]

Jacinta Bugalhão [JB]

Jean-Yves Blot [J-YB]

João Coelho [JC]

João Pedro Cardoso [JPC]

Jorge Freire [JF]

Jorge Russo [JR]

José Bettencourt [JBt]

Juan Luís Sierra Méndez [JLSM]

Filipe Castro [FCi]

Maria Luísa Blot [MLB]

Maria Manuela Fernandes [MMF]

Natalina Guerreiro [NG]

Nuno Fonseca [NF]

Patrícia Carvalho [PC]

Vanessa Loureiro [VL]

Vasco Gil Mantas [VGM]

### REVISÃO DE TEXTO

Maria Amélia Fernandes (MNA)

Carla Negreiros Pato

Sandra Costa e Susana Toureiro (INCM)

### REVISÃO DA BIBLIOGRAFIA

Lívia Cristina Coito (MNA)

### TRADUÇÃO

Carla Ventura, Maria Empis e Maria João Nunes

Cíntia Pereira de Sousa (DGPC/DBC)

### FOTOGRAFIA

José Paulo Ruas e Luísa Oliveira (DGPC/DDCI)

Matthias Tissot (Archeofactu)

### RADIOGRAFIA

Luis Piorro (DGPC/DLJF e UE/LH)

### DESENHO

Helena Figueiredo (MNA)

### DESIGN GRÁFICO

FBA. / Ana Sabino

### PRÉ-IMPRESSÃO E IMPRESSÃO

Imprensa Nacional – Casa da Moeda (INCM)

### TIRAGEM 2000

ISBN 978-972-27-2247-6 (INCM)

ISBN 978-989-8052-63-6 (DGPC)

DEPÓSITO LEGAL 364 880/13

EDIÇÃO N.º 1019756

Impresso em fevereiro de 2014

Todos os direitos reservados ao abrigo do código dos direitos de autor e direitos conexos.

## AGRADECIMENTOS

### PERSONALIDADES

Ana Catarina Sousa (FL/UL)  
Ana Noronha (Ciência Viva)  
Ana Tavares (MM)  
Anabela Carvalho (DGPC)  
António Bossa Dionísio (CCM)  
António Candeias (LH/UE)  
António Faria (DGPC)  
António Olmos  
António Ribeiro (FCCB)  
Artur Abreu (Abreu Cargo)  
Carla Varela Fernandes (CEAACF/FCT)  
Carlos Carreiras (CMC)  
Carlos Gigante (Lubás)  
Carlos Mata (CMC)  
Catarina Serpa (CMC)  
Cristina Pacheco (CMC)  
Dalila Rodrigues (FCCB)  
Danuta Wojciechowska (Lupa Design)  
Duarte Azinheira (INCM)  
Elísio Summavielle (DGPC)  
Francisco Barroca  
Francisco J. S. Alves  
Helena Barranha  
Joana Paz (Lupa Design)  
João Almeida (UNIARQ)  
João Almeida Rosa Ribeiro (CMC)  
João Salgado (CMC)  
João Seabra Gomes (DGPC)  
José Carlos Graça (CMC)  
José Fabião (ETIC)  
Luís Coelho (DGPC)  
Luís Lourenço (CMC)  
Madalena Reis (FCCB)  
Manuel Diogo (DGPC)  
Margarida Reis (DGPC)  
Maria Catarina Coelho (DGPC)  
Maria Fernanda Costa (CMC)  
Maria Teresa Lima Saraiva (DGPC)  
Nuno Ferrand (CIBIO/FC/UP)  
Patrícia Agostinho  
Paula Cabral (CMC)  
Paula Mendes (INCM)  
Quoc Khôi Tran (ARC-Nucléart)

Raquel Costa (Equipa de Projeto Kit do Mar)  
Raquel Gaspar (Associação Viver a Ciência)  
Susana Anágua (Associação Viver a Ciência)  
Sérgio Neves (DGPC)  
Susana Santos (El Corte Inglés)  
Teresa Albino (DGPC)  
Vitor Vajão  
Xavier Nieto Prieto (Antigo Diretor do ARQUA)

### INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Agência Abreu/Abreu Cargo  
ARQUA – Museo Nacional de Arqueología Subacuática, Cartagena (Espanha)  
Arquivo Nacional da Torre do Tombo / Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas  
Biblioteca Pública de Évora  
Câmara Municipal de Alvaiázere  
Câmara Municipal de Cascais  
Câmara Municipal de Portimão  
Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica  
Direção-Geral do Território  
Direção-Geral de Política do Mar  
Embaixada do Brasil  
Escola Técnica de Imagem e Comunicação (ETIC)  
Estrutura de Missão para a Extensão da Plataforma Continental  
Fundação Centro Cultural de Belém  
Fundación Ramon Areces / El Corte Inglés  
Imprensa Nacional – Casa da Moeda, S. A.  
Instituto Politécnico de Tomar  
Museu do Mar – Rei D. Carlos  
Museu Municipal de Alvaiázere  
Museu Municipal de Portimão  
Museu de Marinha

### MECENAS INSTITUCIONAL

Lusitania, Companhia de Seguros, S. A.

## ÍNDICE

Apresentação <i>Adolfo Silveira Martins</i>	14	Os navios, as cerâmicas e o porto: A arqueologia da laguna de Aveiro medieval e moderna nas rotas europeias e atlânticas <i>José Bettencourt, Patrícia Carvalho e Inês Pinto Coelho</i>	105
A arqueologia náutica e subaquática em Portugal: Breves apontamentos <i>Jacinta Bugalhão</i>	19	Lisboa, o Tejo e a expansão portuguesa: Os mais recentes achados arqueológicos da zona ribeirinha <i>Alexandre Sarrazola, José Bettencourt e André Teixeira</i>	111
Um olhar sobre o ensino da arqueologia subaquática <i>Alexandra Figueiredo</i>	23	O sítio arqueológico de São Julião da Barra (Cascais-Oeiras) e a dinâmica marítima do porto de Lisboa na Idade moderna <i>Jorge Freire, José Bettencourt e Inês Pinto Coelho</i>	117
A conservação de artefactos arqueológicos provenientes de contextos subaquáticos <i>João Coelho e Natalina Guerreiro</i>	29	Nau de São Julião da Barra: Balanço de uma década de investigação <i>Filipe Castro e Nuno Fonseca</i>	123
Cooperação internacional no domínio da conservação: A liofilização da piroga monóxila 2 do rio Lima <i>António Carvalho e João Coelho</i>	37	A navegação astronómica: Os instrumentos náuticos identificados em São Julião da Barra <i>António Canas</i>	133
Conservación en ARQUA de objetos de madera del Museu Nacional de Arqueologia <i>Juan Luís Sierra Méndez</i>	41	Arqueologia de navios de cronologia contemporânea: O caso do SS <i>Dago</i> <i>Jorge Russo</i>	137
Topologias: Vertentes metodológicas em arqueologia do universo náutico <i>Jean-Yves Blot (com a participação de Maria Luísa Pinheiro Blot)</i>	45	Centros interpretativos e divulgação: Os casos do <i>L'Océan</i> e o <i>NE Pedro Nunes</i> <i>Augusto Salgado (com a colaboração de António Fialho e Jorge Freire)</i>	141
Arqueologia do meio aquático e a problemática portuária em arqueologia do meio húmido: Um elo de ligação entre dois territórios de investigação <i>Maria Luísa de B. H. Pinheiro Blot</i>	75	Organismos internacionais e cooperação: Educação para o património <i>Fátima Claudino</i>	145
Navios e portos na Antiguidade <i>Vasco Gil Mantas</i>	93	A arqueologia náutica e subaquática: Uma ideia de futuro <i>Adolfo Silveira Martins e Adolfo Miguel Martins</i>	149
Uma história resgatada ao mar: Vestígios das rotas marítimas romanas nas costas portuguesas <i>Carlos Fabião</i>	99		

## CATÁLOGO

		Lisboa, o Tejo e o mar: Os mais recentes achados da zona ribeirinha	180
Azul profundo	154	O navio do Largo do Corpo Santo. Século xv	180
O Tempo Resgatado ao Mar	155	O navio do Cais do Sodré. Séculos xvi-xvii	181
Sítios arqueológicos e respetivas cronologias	156	O navio quinhentista <i>Rio Arade 1</i>	182
A arqueologia náutica e subaquática em Portugal: Uma história em construção	157	O complexo arqueológico de São Julião da Barra: Quatro séculos de história submersa à entrada de Lisboa	183
		A nau da Índia, presumível <i>Nossa Senhora dos Mártires</i> . 1606	183
A conservação de contextos subaquáticos	158		
Rio Lima. Lugar da Passagem. Lanheses.		A navegação astronómica:	
2.ª metade do século vii – final do século ix	159	Os instrumentos náuticos identificados em São Julião da Barra	194
Achados pré-romanos em ambientes marítimos e de águas interiores	160	Os navios da baía de Angra. Séculos xvi-xvii	195
		O navio <i>Faro A</i> . Cerca de 1675-1690	196
Uma história trágico-marítima em época romana	161	Rio Arade. Achados avulsos. Época moderna	197
Cabo Sardão, ilha Berlenga e mar de Tavira	163	Os despojos junto ao Baleal. Época moderna	199
Fundeadoiro da ilha Berlenga e mar de Sesimbra	164	Os canhões da <i>Ponta do Altar B</i> . Após 1606	200
Troia	165	Cabo Raso. Época moderna	201
Mar de Sesimbra a leste da Fortaleza de Santiago	165	O navio francês <i>L'Océan</i> . 1759	203
Rio Arade. Achados isolados	166	Juntos e sós: A travessia do azul	208
		O navio espanhol <i>San Pedro de Alcantara</i> . 1786	208
As grutas em ambiente excessivamente húmido ou aquático	169		
Grutas do Almonda. Idade do Ferro	169	Idade contemporânea:	
Gruta do Bacelinho. Época romana	170	Um novo desafio para o património cultural subaquático	213
		Costa oeste e mar de Leixões. Século xix	214
O sítio do rio Arade. <i>GEO 1</i> . Época romana	171	O vapor britânico <i>SS Dago</i> . 1942	215
Geoarqueologia portuária: À procura das vias aquáticas esquecidas	172	O ensino da arqueologia em meio aquático	216
		Organismos internacionais e cooperação:	
Os navios da ria de Aveiro. Período medieval-moderno	172	Educação para o património	216
O navio <i>Ria de Aveiro G</i> . Séculos xiv-xv	172		
O navio <i>Ria de Aveiro F</i> . Séculos xiv-xvi	173	Bibliografia	217
O navio <i>Ria de Aveiro A</i> . Séculos xv-xvii	174		
O sítio <i>Ria de Aveiro B/C</i> . Séculos xv-xvii	176	Créditos fotográficos e de ilustrações	219

# APRESENTAÇÃO

## ADOLFO SILVEIRA MARTINS

COMISSÁRIO CIENTÍFICO/MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

«O TEMPO RESGATADO AO MAR» foi o título atribuído à exposição que evoca a história da arqueologia náutica e subaquática em Portugal, incluída no programa que celebrou o 120.º aniversário da fundação, em 1893, do Museu Nacional de Arqueologia.

Concretiza uma das suas vertentes enquanto instituição vocacionada para o estudo e divulgação das coleções de arqueologia e também como precursora da arqueologia náutica e subaquática no nosso país, nas últimas décadas do século xx.

Agora sob a tutela da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), tal como o Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS), associaram-se esforços para dar a conhecer os últimos 30 anos de investigação nesta disciplina através, e quase em exclusividade, dos acervos ainda reservados do conhecimento público.

Esta exposição propõe uma visita através do tempo e a cada passo pretende reconstituir os contextos e os testemunhos que durante séculos o mar escondeu. «Cápsulas do tempo» que agora emergem e que recobram esta memória marítima de todos nós.

Trinta anos de efetiva intervenção arqueológica nas águas portuguesas, necessariamente sugerem a intervenção em numerosos locais e um consolidado percurso de investigação, mas ainda hoje e também nas próximas gerações se continuará a identificar fragmentos desconhecidos do território, acrescentando saber a esta íntima e secular ligação com o mar.

Confrontados com a diversidade cronológica e tipológica das coleções, optámos por expor conjuntos que fossem os mais representativos e singulares de cada um dos períodos, mas também os que estudados já contribuíram para dar a conhecer um pouco mais da nossa história.

Traçámos um percurso da época pré-romana ao período contemporâneo, proporcionando uma leitura que traduzisse não apenas a importância do objeto enquanto achado em meio aquático mas, sobretudo, que permitisse ao visitante contextualizar-se com a unidade arqueológica que representa o sítio em todas as suas vertentes e interdependência relacional de transmissão de conhecimento. O testemunho do naufrágio está patente como um todo que reflete um acidente, um infortúnio, mas que hoje e através dos seus despojos nos dita o quando, como e porquê.

Cada unidade está ilustrada com imagens para dar a conhecer como se processam as escavações e os trabalhos de salvaguarda. Desmistifica-se a ideia da recolha de objetos de proveniência submersa

de forma arbitrária ou de «caça ao tesouro» e exemplificam-se os métodos e os processos de intervenção arqueológica e a sua necessária aplicação por especialistas credenciados. O visitante tendo já assistido a trabalhos arqueológicos em terra tem a oportunidade de observar como se realizam no mar.

A visita inicia-se pelo núcleo dedicado à Antiguidade, e ainda que hoje seja desconhecida uma estrutura que pudesse ser testemunho mais representativo de um navio de época, mostram-se indícios da sua passagem por toda a costa, sobretudo através de âncoras que transportavam diferentes produtos e cepos de âncora, entre outros e diversificados artefactos marítimos ou perdidos no mar.

A dinâmica portuária e os seus inúmeros vestígios, nomeadamente os recentemente identificados na beira mar de Lisboa, como exemplificam as intervenções ao longo da Avenida de 24 de Julho e até ao Cais do Sodré, designadamente no Largo do Corpo Santo, Boavista, Praça de D. Luís I, trazem-nos novos documentos sobre a cidade anterior ao terramoto de 1755. Também as escavações arqueológicas na extensa ria de Aveiro proporcionam o testemunho dos tempos medievais e modernos. Dedicam-se ainda particular atenção ao estudo de vestígios em contexto portuário e de três sítios de naufrágio, que traduzem a atividade comercial marítima da região de Aveiro, bem como o comércio e a navegação no litoral português. Os navios da baía de Angra do Heroísmo nos Açores, naufragados em fundeadouro, local de escala de rotas oceânicas, com cerca de uma dezena de incidências conhecidas desde o século xvi, estão hoje a ser estudados, com alguns a revelar particular interesse para o conhecimento da construção naval ibérica.

São Julião da Barra, junto a Lisboa, é um local mundialmente conhecido de ocorrência de acidentes, justificados pelas condições naturais e geoestratégicas da barra do Tejo, tornando-se por isso num complexo sítio arqueológico submerso de grande diversidade cultural. Com indicadores cronológicos desde o início do século xvi até aos dias de hoje e com a frequência de distúrbios provocados pelas correntes, ventos e pequena profundidade é dos locais de mais difícil interpretação pela dinâmica de movimentação dos depósitos. Contudo, foi aqui identificado um navio proveniente do Oriente, a presumível *Nossa Senhora dos Mártires*, naufragado em 1606, cujo espólio serviu de tema à exposição do Pavilhão de Portugal durante a Expo'98, parte de um projeto mais vasto sobre a Carreira da Índia. Foram identificados milhares de artefactos de origem cultural diversa e uma pequena parte do casco que tem sido objeto de estudo

aprofundado e reconstituição. Também aqui foram recuperados três astrolábios que incorporam o núcleo de objetos de navegação que se apresenta na exposição e no catálogo.

Para os finais do século xvii conhecem-se como mais representativos: os vestígios de um presumível navio inglês, naufragado na costa do Algarve, que trazia a bordo um extenso número de pratos de estanho com origem na Cornualha; o núcleo de canhões da Ponta do Altar, ilustrado pela colubrina exposta; os vários artefactos da praia do Baleal em Peniche e o espólio identificado no acidentado cabo Raso, em Cascais.

No princípio da década de 1980 realizou-se a primeira escavação em meio aquático efetuada em Portugal. Incidiu sobre parte dos despojos do navio francês *L' Ocean*, junto à praia da Salema, no Algarve. Associando a informação textual aos vestígios materiais, localizou-se assim um dos episódios da história marítima militar do século xviii no contexto da Guerra dos Sete Anos.

Implicações económicas no Ocidente europeu e infortúnio de centenas de tripulantes e passageiros resultaram da perda do navio espanhol *San Pedro de Alcantara*, quando naufragou na Papoa, em Peniche. Exemplo do exercício de interpretação integrada arqueológica e histórica, a escavação e pesquisa documental traçaram os caminhos de uma complexa investigação que clarificou o processo conjuntural que teve implicações na Europa e em particular alterou o percurso regional.

Por fim chegamos ao Contemporâneo com o testemunho de um navio afundado durante a II Guerra Mundial.

Traçamos assim num só tempo vários tempos e resgatámos conhecimento fundamentado sobre a investigação de várias equipas em arqueologia náutica e subaquática. Passámos a conhecer mais sobre nós, também sobre quem por aqui passou e revelamos um pouco mais da nossa história.

Reunidas pela DGPC as condições favoráveis para a concretização da exposição, congregou-se uma equipa de especialistas que deram corpo à primeira parte desta obra, atualizando os conhecimentos e divulgando a disciplina, carreando-se este esforço para uma edição que se pretende também como uma referência para o ensino e investigação. Foram desenvolvidas matérias que contemplam exaustivamente todos os períodos e temas representados na ordem da exposição em abordagem científica, concomitante com uma expressão simples e de fácil acesso para o público que nos visita. No catálogo mostra-se o acervo patente na exposição, organizado cronologicamente por sítio

arqueológico, antecedido de um breve apontamento que identifica e caracteriza o local de achado.

Prevê-se ainda e para o decorrer da exposição a concretização de várias iniciativas, nomeadamente de natureza didática, dirigidas aos mais jovens, como a edição de um roteiro infantil e juvenil e a realização de ateliês, conferências por especialistas nacionais e internacionais, jornadas científicas, visitas externas programadas e outras atividades relacionadas com a intervenção, divulgação, salvaguarda e proteção de sítios arqueológicos subaquáticos e no litoral.

O esforço na concretização desta exposição, a primeira que apresenta de forma global a arqueologia náutica e subaquática em Portugal, passou também por diferentes parcerias que empenhadamente colaboraram colmatando necessidades de natureza técnica e logística.

O Museu Nacional de Arqueologia Subaquática de Cartagena, Espanha, prontificou-se a finalizar o tratamento por liofilização de duas canoas monóxilas e outros artefactos em madeira. A Câmara Municipal de Cascais e a Empresa Abreu Cargo efetuaram os transportes entre Portugal e Espanha. O El Corte Inglés e a Fundación Ramón Areces patrocinaram a primeira revisão dos textos editados e a Imprensa Nacional – Casa da Moeda a revisão final, a publicação do catálogo, da brochura de divulgação e do roteiro infanto-juvenil. Contámos ainda com a disponibilidade dos autores e tradutores referenciados no catálogo. Contudo foi ainda o empenho das equipas da DGPC que tornaram possível este projeto, através de uma íntima colaboração institucional entre o Museu Nacional de Arqueologia, o Departamento de Bens Culturais, o CNANS, a Divisão Laboratório José de Figueiredo, o Arquivo de Documentação Fotográfica e outras unidades orgânicas da DGPC.

No decorrer da preparação da exposição e numa abordagem mais atenta sobre a atividade no nosso país, e conscientes das inúmeras concretizações e consolidação desta ciência, a matéria desperta-nos todavia para as problemáticas da conjuntura que hoje atravessamos. Perspetivam-se novas oportunidades e desafios que adequados a esta nova vivência podem no entanto garantir, apesar dos escassos recursos financeiros, a melhor continuidade e afirmação do desenvolvimento da arqueologia náutica e subaquática em Portugal.

É indubitável o esforço, ao longo destes trinta anos, das diferentes tutelas da arqueologia náutica e subaquática, no sentido de promover e fazer cumprir a sua missão, pelo que se deixam alguns contributos ou sugestões nesta obra no artigo intitulado «Arqueologia náutica e subaquática: Uma ideia de futuro».